



RELLÍS - REVISTA DE ESTUDOS DE LIBRAS E LÍNGUAS DE SINAIS

Núcleo de Ensino e Pesquisas em Libras On-line (NEPLI-On) da
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Literatura surda em perspectiva: a produção literária de um poema em Libras

Deaf literature in perspective: the literary production of a poem in Libras

Antônio Carlos Uchoa Sales Grangeiro
Maria Adriana Domingos da Costa Uchôa
Marcelo de Jesus de Oliveira

RESUMO

O presente estudo pretende valorizar a riqueza cultural da Literatura Surda, tendo como principal objetivo a construção de um poema em Libras. Para tanto, a elaboração terá como respeito os aspectos linguísticos e estéticos da poesia surda. Por se tratar de uma língua de modalidade visual-espacial os registros poderão ser gravados e divulgados em multimídia. Para isso, será preciso elaborar um roteiro e utilizar ou improvisar um estúdio de gravação de vídeo e produzir o vídeo da poesia em língua de sinais. A necessidade do trabalho surgiu diante das poucas pesquisas e produções nessa área de estudo, uma vez que são poucos os autores e obras existentes nessa área de conhecimento. Em ciência que a presente pesquisa não é suficiente para suprir tamanha escassez bibliográfica, sugerimos, portanto, a continuidade e exploração desta área de estudos tão singular e específica.

Palavras-chave: Literatura surda. Poema. Libras.

ABSTRACT

This study aims to enhance the cultural richness of Deaf literature, with the main objective of constructing a poem in Libras. For this, the elaboration will respect the linguistic and aesthetic aspects of deaf poetry. Because it is a language of visual-spatial modality, the records may be recorded and disseminated in multimedia. For this, it will be necessary to develop a script and use or improvise a video recording studio and produce the video of poetry in sign language. The need for this work arose due to the few researches and productions in this area of study, since there are few authors and works in this area of knowledge. In the knowledge that the present research is not enough to supply such a scarcity of literature, we suggest, therefore, the continuity and exploration of this unique and specific research area.

Keywords: Deaf literature. Poem. Libras.

1. INTRODUÇÃO

No Brasil as pesquisas acerca das questões linguísticas se iniciaram em meados da década de 1980, FERREIRA-BRITO (1995). Desde então, vários pesquisadores têm se destacado nos mais diversos níveis de estudos da Libras, tais como Ronice Quadros, Ana Regina e Souza Campello. A Libras é uma língua de modalidade linguística visual-gestual que utiliza o corpo no espaço para produzir gramaticalmente as palavras sinalizadas compostas por um conjunto de elementos, entre os quais o desenho das mãos, os movimentos do corpo e as expressões faciais orientam o interlocutor quanto à sua ação dialógica. Sem esse conjunto de parâmetros a Língua de Sinais torna-se incompreensível, sendo a expressividade, o elemento essencial na comunicação, como bem afirma Perlin & Miranda (2003), vejamos:

Experiência visual significa a utilização da visão, (em substituição total da audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico (PERLIN & MIRANDA, 2003, p. 218).

Graças às constantes lutas da comunidade surda representada pelas associações e pela Federação Nacional de educação e Integração de Surdos (FENEIS), a Língua Brasileira de Sinais (Libras) tornou-se oficial de acordo com a Lei Federal 10.436/2002, regulamentada pelo Decreto 5626/2005. Neste aspecto, o Brasil tem percorrido importantes caminhos rumo à acessibilidade linguística. No entanto, nem sempre foi assim, considerando que por quase um século a imposição majoritária “ouvintista” marcou os surdos pelos maus tratos negando-lhes o direito de expressão Skliar, (1998-a).

Atualmente, em nosso país, essa língua tem aos poucos adquirido o seu espaço nas escolas, universidades, redes sociais e mídias. No entanto, ainda faltam muitas conquistas e manifestações culturais das comunidades surdas quanto à literatura. Afinal, ainda são poucos os autores e obras nessa área de conhecimento, assim, surge a necessidade de investir em literatura para incentivar a cultura surda.

Partindo desse pressuposto, o presente estudo pretende valorizar a riqueza cultural da Literatura Surda, tendo como principal objetivo construir uma poesia em Língua de Sinais. Para tanto, a elaboração terá como respeito os aspectos linguísticos e estéticos da poesia surda. Assim, por se tratar de uma língua de modalidade visual-espacial os registros poderão ser gravados e divulgados em multimídia, como descrito na seção a seguir.

2. Para construção – percurso metodológico

Este estudo foi pautado na revisão bibliográfica das principais áreas temáticas da pesquisa, citamos primeiramente a Literatura Surda que tem origem nas manifestações folclóricas da comunidade surda, por meio de contação de histórias e piadas. Tomou-se como principal referência os poetas surdos: Nelson Pimenta e Fernanda Machado, assim, estudaremos suas performances durante a narrativa literária.

Além disso, foi-se estudado mais profundamente os tipos de elementos que compõem um poema visual, bem como suas principais características, utilizando subjetivamente os estudos e as proposições de Valli (1993), tais como: a rima, o morfismo (união de sinais), o tamanho dos movimentos (encurtados e alongados), soletração manual, sonoridade visual e a simetria, característica bastante presente na poesia em língua de sinais brasileira.

Para alicerçarmos a pesquisa nos apoiaremos nas análises da linguista Karnopp (2010). A autora salienta a existência de grande variedade de histórias narradas em línguas de sinais pelos surdos, mas a falta de registros das mesmas em livros/material audiovisual para replicação em escolas e na comunidade Karnopp (2010).

O método de registro utilizado foi por vídeos, cujas gravações ocorreram de forma seccionadas. O tempo de duração do vídeo foi de entre 5 a 10 minutos. As gravações foram transcritas e analisadas a partir de cada trilha, para que se fizesse possível fazer anotações, utilizando um vocabulário controlado, isto é, repertórios de entrada, criados previamente pelos pesquisadores, que facilitam o processo de transcrição.

Além do mais, foram estudados os recursos linguísticos e estéticos da língua de sinais e, somente então, criou-se um roteiro a fim de escolher os termos mais adequados a serem utilizados na produção da poesia; fazer os esboços em papel e redigi-los em língua portuguesa, fazendo uma adaptação do texto para a língua de sinais.

Por fim, elaborou-se o roteiro de gravação e utilizou-se um estúdio de gravação de vídeo, ensaiando o vídeo da poesia em língua de sinais. Após conclusão do produto, fez-se a divulgação da produção poética em multimídia.

2.1 *Por que me olhas com estranheza?* – A construção do poema em Língua de Sinais

No **quadro 1**, a ser apresentado, tem-se a exposição do poema criado para desenvolvimentos da pesquisa em questão e, à direita, o texto do poema adaptado ao sistema de

transcrição de Libras, utilizando itens lexicais da língua portuguesa.

QUADRO 1- Adaptação do poema de língua portuguesa para língua de sinais

POR QUE ME OLHAS COM ESTRANHEZA?	VOCÊ OLHAR ESTRANHO, PORQUE?
O primeiro contato pode ser inesquecível. Ou traumatizante, Se eu falo e não te olho, Te desprezo! Entenda ou não queira entender o que se diz. Hum...	CONTATO^PRIMEIR@ DAR EMOÇÃO OU TRAUMA? EU FALAR OLHAR-NÃO-VOCÊ PENSAR DESPREZAR VOCE! ENTENDER OU FALTAR-INTERESSE COISAS EU FALAR VOCÊ - CABEÇA LÁ E CÁ (cl) HUM...(expressão facial de duvida)
A ritmação do corpo... Mãos que balançam...frenéticas. Sons, ruídos...e agora? Tenho medo! Medo? Medo de não entender e de não ser entendido.	CORPO MOVIMEENTO MÃOS SINALIAR... RÁPID@ BARULHOS... FAZER O QUE?(levantar de ombros) TER MEDO! MEDO? MEDO SE NÃO ENTENDER NADA?! FALTA-COMUNICAÇÃO
Ah! Mas quando estamos envolvidos, um encantamento nos contagia. Nos marca pelo resto da vida. Tudo é mágico, tudo é novidade de cultura.	AH! (alívio) CONVERSAR, COMPARTILHAR ADMIRAR, PENSAR NÓS-DOIS VIDA MARCAR ATÉ MORRER. ME DAR EMOÇÃO COISAS NOVAS, NOVA CULTURA.
Cultura de ouvinte que se mistura à cultura surda. Pura antagonia! Dividir a vida no mesmo espaço? Sei lá! Dará certo?	CULTURA OUVINTE, CULTURA SURDA, MISTURAR VERDADE, DIFERENTE! DUAS PESSOAS VIVER CASA MESM@, DÁ? NÃO SABER! (ombros para cima) CONSEGUIR?
Uma coisa é certa, o encanto que nos aproxima, nos enlaça! Fugir dos “padrões”? Sim! E daí? É preciso abrir um espaço!	CERTEZA SABER. O QUE? ADMIRAR PERTO DOIS, ENVOLVER NÓS DOIS! REGRAS NÃO RESPEITAR.SIM! PROBLEMA, QUAL? MEU DIREITO!
O espaço do desconhecido, Das sensações inusitadas. Inatingíveis?! Talvez! É, isso é imensurável! Excitante!	MOMENTO CONHECER NOVO SENTIR DIFERENTE, COISAS NOVAS! IMPOSSIVEL? TALVEZ! É...VERDADE , NUNCA SENTIR IGUAL, INCENTIVAR!
Por isso, e pela maneira singular de ser, Esbaldo-me, transcendendo... Pelo jeito específico de trocar umas ideias. De cuidar, de amar!	POR ISSO, SOU ÚNICO, IGUAL NÃO TER MERGULHAR, SENTIR (expressão de entonação) CONVERSAR, JEITO É UNICO CUIDAR, AMAR! SABER PERFEITO!
Ei! Não olha assim. Devagar com a sua ignorância! Não queira me inibir Não sou menor do que você! Sou diferente e não deficiente!	FAVOR OLHAR ASSIM. NÃO! VOCE SABER-NÃO, PRECISA APRENDER VOCÊ CONSEGUIR^NÃO VERGONHA INFLUENCIAR, VOCE NÃO É MAIOR, EU MENOR! EU DFERENTE VOCE, NÃO DEFICIENTE EI!
Ei! Não olha assim. Devagar com a sua ignorância!	OLHAR SEU PRA QUÊ? CALMA! NÃO PRECISA BRUTO! VOCE NÃO-PODER EU MÃOS PRESAS EU INFERIOR VOCE, EU NÃO ACEITAR SOU DIFERENTE, NÃO SOU DEFICIENTE
Sou especial, único! Choquei o seu olhar? Talvez seja a sua falta de informação. Por favor! Não queira que eu cruze os braços!	SOU ÚNICO- ESPECIAL! EU PROVOCAR SEU L HAR ESBUGALHADO? TALVEZ , FALTAR VOCE INFORMAÇÃO, COITADO.

Não! Não passarei por invisível.

POR FAVOR! NÃO PENSAR EU BRAÇOS
CRUZAR!
NÃO, NUNCA EU ACOVARDAR,
VOU MOSTRAR TODOS MEU VALOR

FONTE: Costa; Grangerio e Oliveira (2021)

Além da adaptação apresentada do quadro acima, o poema *Por que me olhas com estranheza?* também foi reproduzido em material visual, como prescrito na seção de percurso metodológico, estando disponível no link: <<https://youtu.be/DSDN2RzpCTo>>.

3. Literatura Surda em perspectiva – Conflitos e possibilidades

Quando se pensa em cultura, o conceito recorre a um conjunto de práticas simbólicas de um determinado grupo: língua, artes (literatura, música, dança, teatro etc.), religião, sentimentos, ideias, modos de agir entre outros aspectos. Nessa esteira, Strobel (2008) destaca a importância da experiência visual como elemento de percepção do mundo e essa experiência visual é enfatizada na literatura e nas artes produzidas pelos surdos.

A cultura surda se difere da cultura ouvinte, onde a primeira é regida em detrimento da língua de modalidade visuo-espacial, enquanto que a segunda é oral e auditiva. Portanto, os canais de recepção e emissão são distintos em ambas a línguas. Conseqüentemente, tais vias influenciam suas respectivas culturas, assim, os olhos do sujeito surdo são os ouvidos para os ouvintes e atuam como protagonistas da comunicação em sua vida.

Segundo Perlin & Miranda (2003) e Strobel (2008), a visualidade é algo extremamente importante para o surdo. Assim, a cultura surda proporciona formas que possibilitam a construção de significados e símbolos que, por sua vez, orientam ações e norteiam a construção da identidade do sujeito. Nesse aspecto, a visualidade é uma forte característica na vida do surdo que através dos olhos aprende e percebe tudo ao seu redor como um modo de vida por meio de experiências visuais.

Os ouvintes pensam e falam em palavras, enquanto que os surdos pensam e falam em sinais. Estes últimos constroem constantemente cenários visuais e símbolos em suas construções sintáticas, o que os diferem de nós em língua e cultura. Sobre essas características Lane (1992) ressalta a construção da sua própria história ao longo dos anos, através da literatura específica, “história de contos de fadas, fábulas, romances, peças de teatro, anedotas, jogos de mímica”.

Desse modo, sobre a importância da língua de sinais para a produção literária, Poche (1989) diz que ambas são duas produções que andam juntas, a língua é um “recurso” na produção da cultura, embora não seja o único. Para ele, a língua é, neste sentido, um instrumento

que serve à “linguagem para criar, simbolizar e fazer circular sentido, é um processo permanente de interação social”. Essa interação produz a literatura surda.

A literatura surda, em linhas gerais, influencia diretamente no uso da língua, seja ela visual-espacial ou oral-auditiva. Quando o poeta compõe os textos literários percebe sutilezas nas construções sintáticas, amplia seu repertório linguístico e brinca com os significados da palavra (sinal).

Assim, o artista surdo usufrui dos seguintes recursos:

Literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente (KARNOPP, 2010, p. 161).

Para melhor ilustrar, destaca-se o artista Nelson Pimenta, o primeiro ator e poeta-surdo brasileiro. Estudou no National Theatre of the Deaf - NTD de Nova Iorque, adquiriu uma nova visão sobre os direitos dos surdos e as possibilidades de enriquecimento intelectual da comunidade surda brasileira. A seguir, um trecho de uma de suas poesias extraído do artigo Literatura Visual, de Shirley Porto e Janaína Peixoto (2011, p. 177):

[...] CALAR (ordem da terceira pessoa) (expressão na face: “autoritária”)
CALAR (negativa com balançar de cabeça)
NÃO (expressão na face: "desprezo" e "dar de ombros")
SINALIZAD@ SINAL^CONTINUAR (continuar)
CONVIDAR APRENDER (O falante de libras convida o outro falante de libras para aprender)
APRENDER APRENDER APRENDER [...]

Assim, esta ciência, de amplo cunho visual, gera novas possibilidades de expressão da arte e de produção e exploração de textos literários sinalizados. A poesia em língua de sinais pode estar em tudo: em uma situação cotidiana, em uma paisagem, em uma fotografia, nas artes plásticas e em um poema. Ou seja, a poesia não é exclusividade da literatura. O papel da poesia na língua de sinais não é diferente, ela representa o cotidiano e a vida do surdo. No entanto, pelo fato de ser uma língua visual, as antigas produções literárias não foram documentadas.

De acordo com Sutton-Spence (2000), de um modo geral, não há evidências da existência de poemas em língua de sinais antes de 1960, embora registros apresentados em Fischer e Lane (1993) mostrem a existência de surdos nos séculos XVIII e XIX. No entanto, a falta de aparatos tecnológicos na época impossibilitou o registro dos poemas sinalizados, e consequentemente, à perda cultural e de produção literária.

A poesia surgiu em uma cultura oral que compunha a maioria das pessoas e nem sempre se apresentou em formato escrito. Na idade média, a poesia utilizava o corpo e a voz como instrumentos de expressão e produção. Tempos depois, com o desmembramento do teatro e da

poesia, ela passou da modalidade verbal e corporal para a modalidade escrita, uma vez que o registro escrito garantiria sua existência.

Alguns poetas ou intérpretes de poesia utilizam, ainda hoje, a voz e o gesto para dar vivacidade ao texto escrito. Em contrapartida, essa corporização está presente nas poesias sinalizadas. A seguir, discutir-se-á, em linhas gerais, sobre características do texto literário produzido em língua de sinais e a relação da poesia com o corpo que assume a função do eu (o poeta).

Na performance poética, os movimentos do corpo nunca se repetem, mesmo sendo a mesma poesia. A cada declamação, o corpo toma uma dimensão diferente, fazendo com que a voz e os gestos revelem novos movimentos e entonações e dê uma nova amplitude à expressão, proporcionando inusitadas comunicações entre o poeta e o público presente (FERREIRA, 2011, p. 137, grifo nosso).

No Brasil, embora esse contexto linguístico-cultural constitua um terreno fértil para a produção da literatura surda, o número de pesquisa nessa área é restrito e poucas produções literárias são encontradas, como assevera Klamt (2014):

Apesar de haver crescente produção de poemas no Brasil, ainda há pouca publicação, o que restringiu a escolha dos dados para análise. No Brasil, a primeira obra foi “Literatura em LSB”, de Nelson Pimenta, em 1999, pela DawnSign, com quatro poemas de sua autoria: “Bandeira Brasileira”, “Natureza”, “Língua Sinalizada e Língua Falada” e “OPintor de A a Z”, além de uma fábula e duas histórias infantis. Em 2005, também pela LSB Vídeo, foi lançado o DVD com o poema “Árvore de Natal”, da poetisa Fernanda Machado. Outras produções continuam surgindo no site Youtube, dos poetas brasileiros Nelson Pimenta, Alan Henry, Vanessa Lesser etc., além de registros em vídeo, ainda sem publicação (KLAMT, 2014, p. 73, grifos no original).

Os Direitos Humanos, através o Decreto 6.949/2009 da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, convencionou a essas pessoas os direitos Sociais, Culturais e Econômicos. O relatório As pessoas surdas e os Direitos Humanos é a obra mais completa que traz informações sobre a vida dos surdos espalhados pelo mundo.

Este documento mostra o reconhecimento das línguas de sinais na legislação de noventa e três países. No entanto, na prática esses direitos se fragilizam com a falta de educação adequada, indisponibilidade de intérpretes em todos os serviços disponíveis e a falta de investimento na cultura surda.

Nas línguas de sinais, o elo entre texto e gesto (ou língua e gesto) é revigorado, uma vez que os elementos verbais e não verbais além de serem realizados com as mãos, são também produzidos por todo o corpo, como tronco, movimentos da cabeça e expressões do rosto (McCleary; Viotti (2011, p. 290).

Deste modo, a singularidade linguística do surdo, não o torna menos capaz que os

ouvintes para produzir cultura. A Literatura Surda é um segmento literário e alguns de seus sinalizadores são poetas com especificidade cultural. Naturalmente o surdo desenvolve em sua fala gestual a expressão comunicativa que o torna um potencial cênico.

Portanto, o potencial cognitivo integral do surdo quanto o seu direito à literatura, valendo-nos do olhar poético de Laborit (1994, p. 63):

Olho do mesmo modo como que poderia escutar. Meus olhos são meus ouvidos. Escrevo do mesmo modo que me exprimo por sinais. Minhas mãos são bilíngues. Ofereço-lhes minha diferença. Meu coração não é surdo a nada neste duplo mundo (LABORIT, 1994, p. 63).

Desse modo, pode-se dizer que a cultura surda é autônoma, já que ela coloca os surdos num espaço territorial diferente e simbólico, conforme Strobel (2009):

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as idéias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (STROBEL, 2009, p. 27).

Doutro ponto de vista, se admitirmos que um texto escrito possa não dar detalhes sobre o timbre e a intensidade da voz de quem o lê, tornando-se omissivo e impreciso no registro de seus detalhes; e também aceitamos como fato de que qualquer texto escrito irá sofrer a ação dos sujeitos receptores que podem exercer força transformadora atribuindo à mensagem diversos modos de existência – teremos dimensão da dificuldade em se planificar movimento em palavras de maneira precisa. Essa questão é exacerbada no registro da poesia onde há uma subordinação da escrita em favor da visualidade Campos (1977).

Realmente não haveria formas semelhantes em relação a alguns aspectos se fôssemos fazer uma comparação entre poemas nas línguas faladas e línguas sinalizadas:

Todos esses padrões de som dependem do fato fundamental de que palavras são pronunciadas e escritas em sequência. No entanto, apenas as línguas orais precisam produzir as partes das palavras em sequências temporais. As línguas de sinais não precisam e a maioria dos sinais é criada pela produção simultânea de seus elementos pertencentes aos quatro principais parâmetros de configuração de mão, locação, movimento e orientação da palma ou dedo. Devido a isso, não há paralelos exatos em poesias em línguas de sinais para conceitos tais como rima, assonância ou aliteração presentes nas línguas orais (SUTTON-SPENCE, 2003).

Em relação a alguns aspectos linguísticos pode-se citar os parâmetros fonológicos da língua de sinais, sendo estes: a configuração de mão, que é a forma que a mão assume ao se realizar determinado sinal; o movimento realizado pelas mãos, que pode ser em nível interno, caso o movimento ocorra nos dedos, nos pulsos, ou externo, quando o movimento é realizado

no espaço em frente ao corpo, por exemplo; a locação, nome dado aos vários espaços onde um sinal pode ser realizado, como, por exemplo, acima da cabeça ou em frente ao tronco; a orientação de mãos, que indica para que lado está voltada a palma da mão, ou das mãos, no momento da realização dos sinais; a expressão facial e corporal, indicando marcação de sentenças afirmativas, interrogativas ou negativas, por exemplo Quadros, 2010; Karnopp (2006).

Assim como nas línguas orais, a linguagem poética é carregada de fatores específicos responsáveis a sonoridade, rima, entre outros. De acordo com as autoras Quadros e Karnopp (2006), a rima ocorre com a repetição de letras, especificamente de vogais, de consoantes ou até mesmo de sílabas. Na poesia das línguas de sinais as rimas podem ser observadas quando o autor se utiliza de sinais que compartilham um ou mais parâmetros. Nesse caminho, é possível que o autor selecione sinais para realizá-la, mas também é permitido que o sinal possa sofrer alguma alteração para que se adapte e também possua essa qualidade, assim, a rima pode fazer-se presente quando há a repetição de parâmetros.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo buscou-se produzir a escrita e o registro de um poema em língua de sinais como forma de valorização da cultura surda, especificamente, a literatura surda que ainda é um campo pouco explorado. Uma questão que podemos nos deparar no decorrer da elaboração desse trabalho é a (in) capacidade do texto escrito de reproduzir as nuances do texto com forte carga visual e poética.

A linguagem permite que o sujeito se descubra humano nas suas ações sobre o mundo, pois ela é responsável pelas interações sociais e pela constituição da subjetividade, é por meio da experiência social que o homem significa a si próprio e o mundo de que faz parte.

Compartilhamos, portanto, da visão de que é por meio da linguagem e com ela que o ser humano elabora conceitos sobre o mundo e sobre si mesmo, não se tratando apenas de um mero instrumento de comunicação, afinal, é por meio da linguagem que haverá interação e que o sujeito se constituirá como pessoa.

A modalidade visual e as características linguísticas que compõem os poemas em línguas sinalizadas são diferentes das características de poemas escritos a partir de línguas orais, caracterizando um grande desafio a transcrição no papel. No entanto, uma vez sinalizado em vídeo, a língua de sinais torna-se independente e autônoma para expressar o seu papel poético que é emocionar e arrepiar os surdos que dela se deleitam. Para isso, o domínio na língua é vital

para manejar a linguagem poética sinalizada e emocionar o seu espectador.

Assim, quando se possui um conhecimento acerca de todas as nuances da língua de sinais e se tem certa intimidade com a prática de usar os textos visuais e as narrativas poéticas, é possível realizar interessantes narrações de poemas sinalizados. Além da essência que se deseja transmitir aos demais, ainda explorar aspectos como a rima, o brincar com as palavras dando lugar a novos termos, o brincar com as letras, do mesmo modo que as estratégias análogas às das línguas orais.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em fev. de 2020.
- BRITO, Lucinda Ferreira. Por uma Gramática de Língua de Sinais. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.
- FERREIRA, Gilmar Leite. A performance poética. Repertório, Salvador, nº 17, 2011.2, p. 137.
- LANE, H. e Fischer, R. (orgs.) Looking back. A reader on the history of deaf communities and their sign languages. Hamburgo: Signum Press, 1993.
- KARNOPP, Lodenir Becker. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. Cadernos de Educação (UFPel), v. Ano 19, p. 155-174, 2010.
- _____. Narrativas e diferenças em produções culturais de comunidades surdas. Relatório de Pesquisa. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ppgedu/UFRGS), 2012.
- KLAMT, M. M. O ritmo na poesia em língua de sinais. 2014, p.73. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2014, p.73.
- KRISTOF, Ray & SATRAN, Amy. Interactivity by Design: Creating and Communicating with New Media. MoutainsView: Adobe, 1995.
- LABORIT, E. O vôo da gaivota. São Paulo: Best Seller, 1994.
- MCCLEARY, L.; VIOTTI, E. Língua e gesto em línguas sinalizadas. Veredas, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, p. 289-304, 2011.
- PERLIN, G.; MIRANDA, Wilson. Surdos: O narrar e a política. Florianópolis: Ponto de Vista (UFSC) v. 05, 2003, p. 218.
- POCHE, B. A Construção Social da língua. In: VERMES, G. BOUTET, J. (ORG). Multilinguismo. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.
- PEIXOTO, Janaína Aguiar e SHIRLEY Porto. Literatura Visual. In Faria, E.M.B. Língua Portuguesa: Teorias e Prática. João Pessoa. Editora Universitária da UFPB, 2011.
- QUADROS, R. M. de; SUTTON-SPENCE, R. Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda. In: QUADROS, R. M. de (Org.). Estudos Surdos I. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2006, p. 110-165.
- SKILIAR, Carlos. A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998-a.
- SUTTON, SPENCE, Rachel. Aspects of BSL Poetry – a social and linguistic analysis of the poetry of Dorothy Miles. SignLanguage&Linguistics. 3:1 (2005), p. 79-100.
- SUTTON-SPENCE, R. An overview of sign language poetry. In: European Cultural Heritage Online (ECHO). Dezembro, 2003. Disponível em:



<http://www.docstoc.com/docs/37352463/An-overview-of-sign-language-poetry> Acesso em: jul. 2019.

STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008-a.

_____. As imagens do outro sobre a cultura surda. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

VALLI, C. Poetics of American Sign Language Poetry. Unpublished doctoral dissertation, Union Institute Graduate School, 1993.